



**EDITORIAL**

*José Carlos Morgado<sup>1</sup>*

*INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO MINHO*

*Isabel Carvalho Viana<sup>2</sup>*

*INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO MINHO*

*Carlos Ferreira<sup>3</sup>*

*ECES, UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO*

Este número da Revista de Estudos Curriculares – Número 2, Ano 9 (2018) – marca o final do terceiro ano de publicações após termos reativado a sua edição, no início de 2017. Tratando-se de um espaço de publicações que estimula o debate em torno de questões do foro curricular, estamos convictos de que, desde a sua reedição, a revista tem procurado contribuir para problematizar as atuais mudanças no domínio da educação, tanto a nível nacional como internacional. Além disso, tem sido também um meio de divulgação dos Estudos Curriculares junto dos estudantes que frequentam cursos de graduação e pós-graduação, mais especificamente em Educação e Ciências da Educação, bem como de profissionais que desenvolvem a sua atividade em diferentes ciclos e níveis de ensino. Agradecemos, por isso, a todos os autores que, de forma individual ou em trabalho de grupo, partilharam connosco as suas reflexões e os seus trabalhos nos últimos três anos.

Este número é composto por seis artigos que interpelam o currículo de forma distinta, dadas as temáticas que convocam e as análises produzidas, o que contribui para imprimir aos Estudos Curriculares uma dinâmica muito singular.

No primeiro artigo – Currículo e Educação Básica: qual o “lugar” das áreas de conhecimento no empoderamento dos estudantes? –, Helena Felício e Carlos Silva, partindo das diferentes áreas de conhecimento no Currículo Oficial da Educação Básica, refletem sobre o contributo que propiciam no empoderamento dos estudantes, hoje compelidos a inserir-se e integrar-se numa sociedade que muda de forma contínua e intensa e que, por isso, se tornou mais complexa e mais exigente. Concluem que, independentemente do contributo que cada área propicia, se torna necessária uma compreensão alargada do próprio conceito de conhecimento,

---

<sup>1</sup> Instituto de Educação da Universidade do Minho, CIEd; jmorgado@ie.uminho.pt.

<sup>2</sup> Instituto de Educação da Universidade do Minho; icviana@ie.uminho.pt.

<sup>3</sup> Escola de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; cferreira@utad.pt.

o que facilita que a sua construção se processe de forma contextualizada e integrada, por isso propiciadora de aprendizagens significativas e empoderadoras dos estudantes.

No segundo artigo – O projeto político-pedagógico da escola brasileira e a construção da autonomia curricular: possibilidades e desafios –, Jane Mery Voigt problematiza a importância do Projeto Político-Pedagógico (PPP), salientando o papel dos pressupostos metodológicos e dos princípios éticos e filosóficos que servem de base à sua construção e que, de forma direta ou indireta, influenciam a organização e concretização dos processos de ensino-aprendizagem e da própria identidade da instituição escolar. Na parte final do texto, a autora alerta para o contributo que tal projeto disponibiliza ao nível da autonomia curricular, elemento preponderante nas decisões curriculares a que os professores estão, cada vez mais, vinculados.

O terceiro texto – Concepções de Docentes de Botânica sobre o Currículo e a Formação no Ensino Superior – da autoria de João Silva, Fernando Guimarães e Paulo Sano, resulta de um trabalho de investigação realizado em torno das concepções e perspetivas que alguns professores universitários da área da Botânica, em Portugal e no Brasil, têm acerca da construção do currículo e do papel que o professor deve desempenhar nesse processo. Constatam que a maioria dos professores que entrevistaram considera o currículo como uma lista de conteúdos que o docente elabora, o que permite constatar que o conceito que pontua em algumas das instituições continua, ainda, arreigado a uma visão mais tradicionalista, o que dificulta a preparação de jovens mais ativos e, por isso, mais autónomos e interventivos em termos sociais e profissionais.

No quarto texto – A visão tubular do desenvolvimento do currículo: uma alegoria e uma prática –, Augusto Afonso alerta para a importância do trabalho docente e das sensibilidades que o professor deve ter para trabalhar com crianças e jovens com dificuldades, muitas delas vítimas de uma desestruturação familiar em consequência do conflito vivido em Angola. Sendo um texto construído numa perspetiva metafórica, o autor circunscreve a profissionalidade docente a uma visão tubular, por isso condicionada pelo comprimento, largura e revestimento de um tubo e que, muitas vezes impede o docente de se apropriar das características mais globais do contexto. Conclui a sua reflexão alertando para a inevitabilidade de aprofundar a humanização do trabalho docente em Angola, o que, em seu entender, será facilitado pela valorização de alguns aspetos que, parecendo insignificantes, são nucleares na concretização dos processos educativos.

O quinto artigo, escrito por Maria José Magalhães, Paula Pontedeira e Ana Guerreiro sobre a Prevenção da violência no namoro e currículo, baseia-se nos resultados de um estudo nacional sobre a perceção e prevalência da vitimização das relações de intimidade em adolescentes portuguesas(es) e da possibilidade de integrar esses conteúdos no currículo que se desenvolve nas escolas. Os resultados obtidos permitiram reforçar a necessidade de introduzir a questão da violência nas relações de intimidade no currículo oficial, sendo reconhecido que se trata de uma temática estruturante para uma efetiva educação cidadã.

O último texto – Ensino da Linguagem de Programação Java a partir da Lógica Proposicional: compartilhamento de saberes entre estudantes da ‘instituição 1’ e da ‘instituição 2’ –, da autoria de Sergio Portella, Roger Undangarin e Bruna Rosa, alerta para a pertinência da educação informática no currículo dos jovens que frequentam a escola no Brasil. Os autores consideram que a ensino da programação pode constituir um meio de inclusão social, uma vez que estimula a partilha de saberes, fundamental quer para a qualificação académica e social, quer para a integração profissional dos jovens.

Aproveitamos para desejar a todos os autores e leitores um fantástico ano de 2019.

Boas leituras.